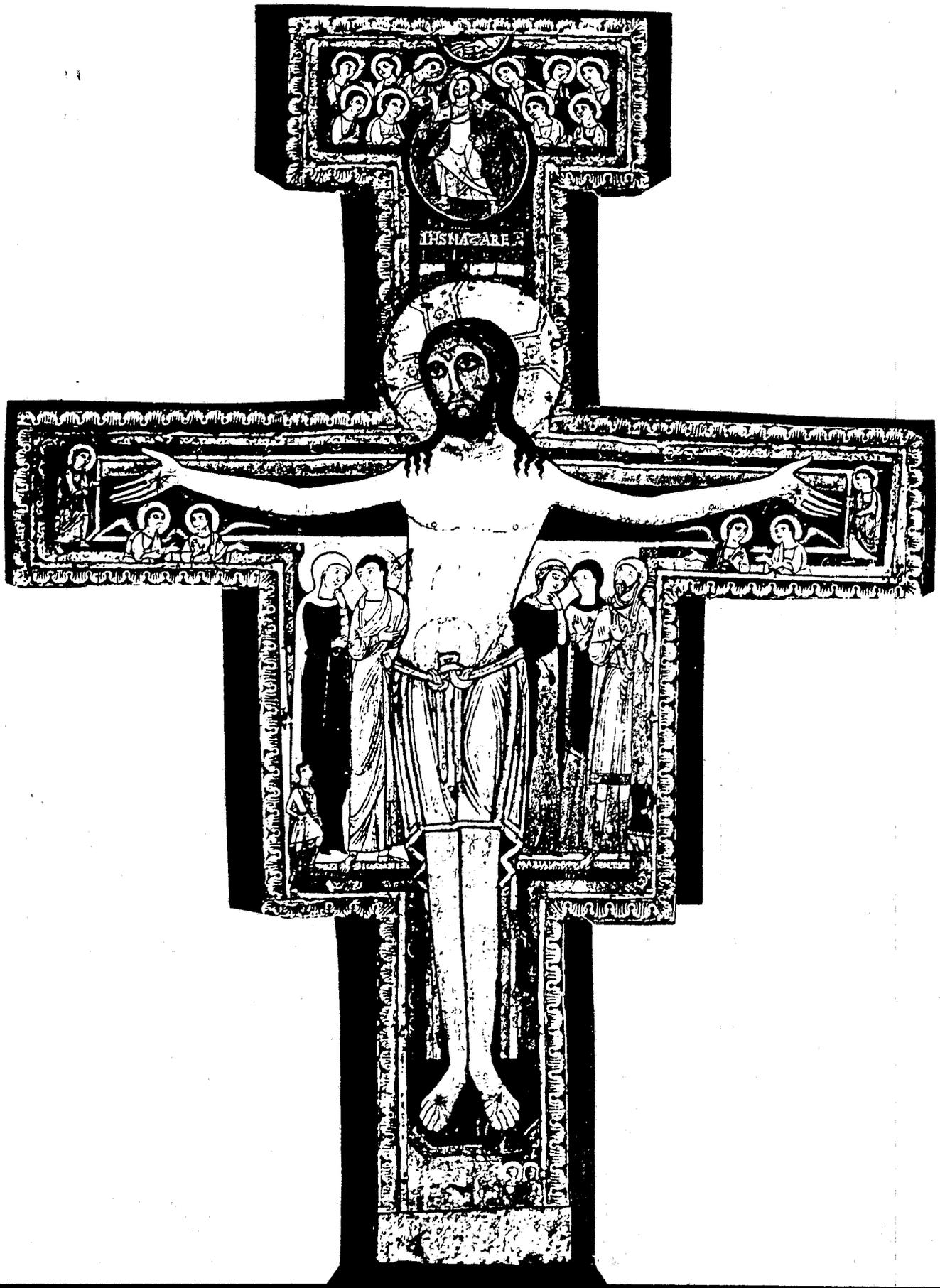




O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



"...Gostaria muito de continuar a receber "O Desbravador", cuja leitura me traz muita alegria..."

PAULO EDUARDO RAZUK
SÃO PAULO - SP

"...Venho agradecer o envio regular que têm permitido, quase desde o início do tempo de Seminário a leitura de "O Desbravador". Peço a Nossa Senhora que nos dê as graças necessárias à perseverança e à coragem que devem acompanhar o vosso trabalho tão importante nestes tempos finais que precedem a tão esperada vitória do Imaculado Coração de Maria..."

PADRE JOSÉ CARLOS ESTEVES ALVES
ANÁPOLIS - GO

"...Acabo de ler uma edição de "O Desbravador" e gostei dos assuntos abordados. Ficaria feliz se pudessem enviar regularmente as edições. Para isso estou apto a contribuir..."

SEMINARISTA IVANIL C. OLIVEIRA
JACAREZINHO - PR

"...Um jornal maravilhoso e cheio de mensagens de vida e amor. Parabéns pelo maravilhoso apostolado e dedicação. ...Em Cristo..."

JOSÉ ANTONIO DA CUNHA
PARANAGUÁ - PR

"...Com os melhores cumprimentos, agradeço o recebimento do número de "O Desbravador"..."

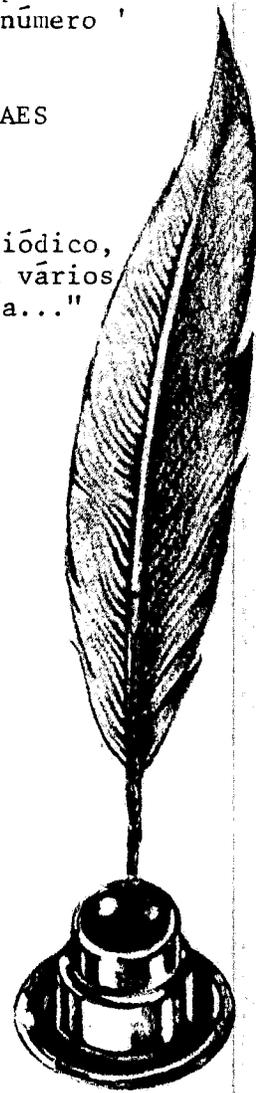
DESEMBARGADOR WALTER MORAES
SÃO PAULO - SP

"...Tenho recebido o periódico, "O Desbravador" pontualmente há vários anos e, por isso, sou-lhes grata..."

SILVIA BARCELLOS GATTI
SÃO PAULO - SP

"...Gostaria de saber como devo fazer para receber "O Desbravador"..."

PADRE WALTER DE LEUS
BARUERI - SP



Escrevem os Leitores



O DESBRAVADOR DIRETOR: MESSIAS DE MATTOS
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

Pe. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
JAIR AGENOR RIBEIRO
SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGELICO"

REDAÇÃO

Pe. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON R. DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

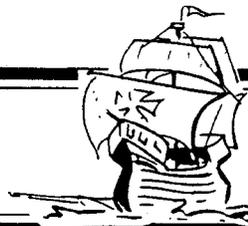
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUFINO

EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
MOACIR ANDRADE DE PAULA
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 - SÃO PAULO SP



EDITORIAL

"Francisco vai e reconstrói a minha Igreja que ameaça cair". Foram essas as palavras que São Francisco ouviu do crucifixo que reproduzimos em nossa capa.

Após ouvir tão sublimes palavras, o jovem Francisco, convertido, pôs-se a consertar as igrejas da região de Assis, sem saber que sua missão não era restrita a reformar os prédios, mas a consertar o mundo cristão que estava começando a ficar eivado de vícios e pecados.

Francisco foi, nos fins do século XII e início do século XIII, juntamente com São Domingos de Gusmão quem reformou o mundo.

Em outras palavras, a santidade de dois homens, abrasados de amor a Deus, fez de uma época que ameaçava decair, o glorioso século XIII.

Sim, eis aí o que falta ao mundo hoje: santos. Se tivéssemos mais virtude, mais amor a Deus, a nossa época não estaria no lastimável estado em que se encontra.

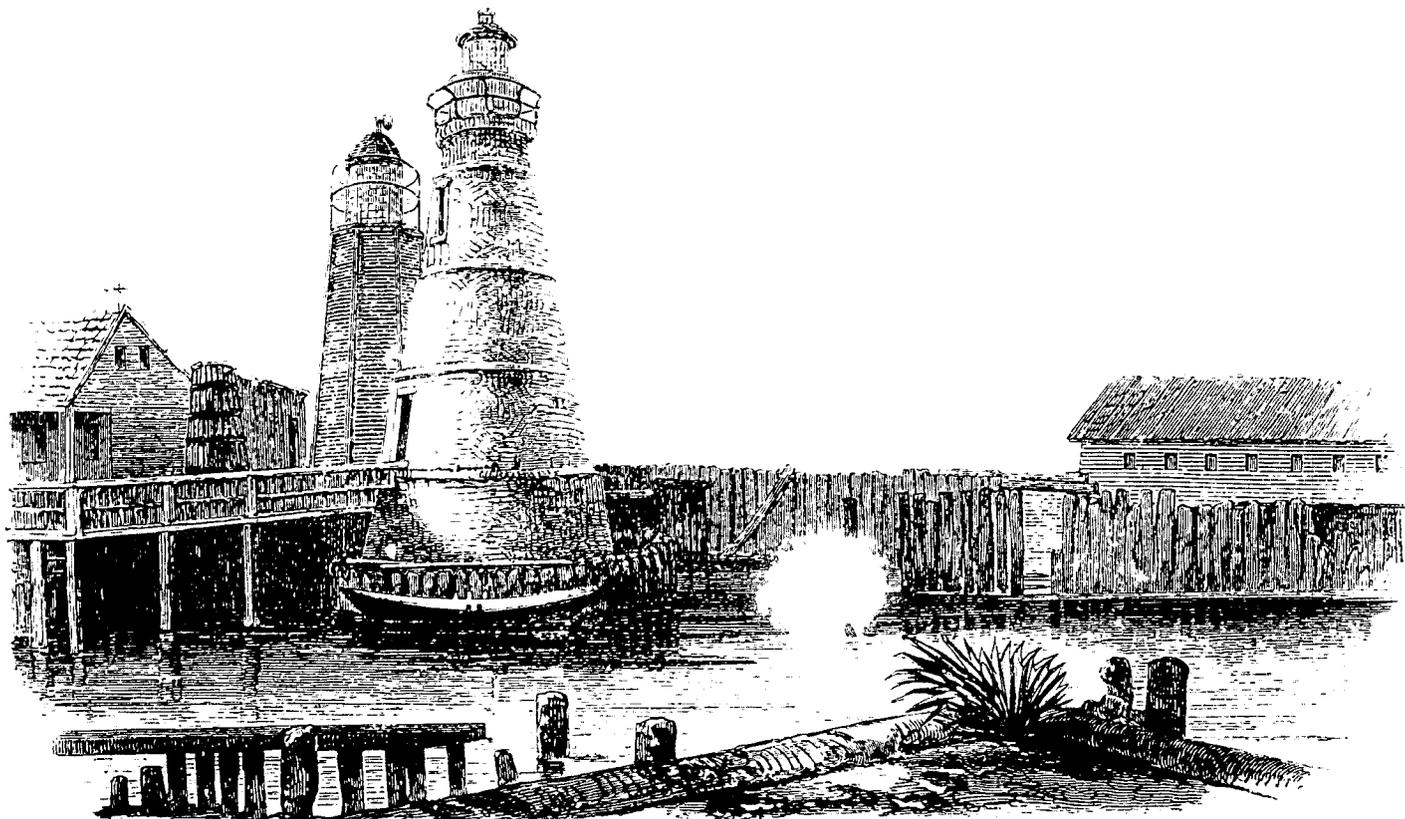
Um número pequeno de santos faria mais pela humanidade e pelo mundo que tantos políticos, tecnocratas, cientistas etc. que a seu modo tentam melhorá-los. Estes últimos nada tem conseguido. Os milhões que se gastam por aí agora não o tem conseguido. Quase ninguém tem conseguido o que os santos nas suas épocas alcançaram: um mundo melhor.

Isso eles o faziam porque colocavam Deus em primeiro lugar e porque encaravam o mundo como o campo de batalhas aonde se conquista o Céu.

Por que Deus era colocado no centro, mais bem se fez ao homem; por que vislumbravam a vida eterna, faziam desse mundo algo de melhor; por que eram santos, espalhavam a santidade e ajudavam aos semelhantes a serem bons.

Portanto, se quisermos fazer algo de verdadeiramente bom nesta Terra, sejamos santos, grandes santos, como o mundo não conheceu outros.

Vençamos nossos pecados e defeitos, sejamos apóstolos, rezemos a Nossa Senhora e com a proteção dEla mudemos a humanidade para melhor, começando por mudar a nós mesmos em verdadeiros santos.



sentimentalismo



Um dos fatores que muito ajuda a decadência moral e espiritual das pessoas em nossos tempos é o sentimentalismo.

Assim, por exemplo, ocorre com a crise familiar/matrimonial. Quantas pessoas se casam, olhando não para as virtudes da outra, mas para sua beleza ou seu sorriso. O que acontece? Depois de algum tempo de casados, some a beleza, some o sorriso e com isso, desgraçadamente, some a união do casal.

Outro caso que nos vem à mente na questão do sentimentalismo é o da educação dos filhos. Desta forma, muitos pais não sabem dizer não aos seus filhos, para não os verem tristes na hora e com isso a médio prazo criam verdadeiros monstros. Ou então, não os castigam quando erram, para não contrariá-los, e dessa maneira não consertam nos filhos os erros que surgem.

É sempre um malfadado sentimentalismo que faz mal às pessoas envolvidas e também a terceiros.

Sim, não são os filhos, por exemplo, os grandes prejudicados das separações dos casais? Não sofre toda a sociedade com um jovem corrompido e depravado? E, como mostramos o sentimentalismo está muitas vezes na origem das separações matrimoniais e na decadência dos jovens.

Como seria bom que, em todas as circunstâncias da vida, os homens agissem baseados não no sentimentalismo, mas sim na Fé e na Razão.

Temos certeza que teríamos um mundo melhor, uma sociedade melhor, famílias melhores, jovens mais bem formados, casais consolidados. Infelizmente, o sentimentalismo costuma prevalecer e com ele mil mazelas surgem.

E enquanto escrevíamos estas linhas, nos lembramos de um sublime caso ocorrido na guerra civil espanhola. Ali, a firmeza de um coronel garantiu a vitória da Espanha Católica. Tudo porque ele não foi sentimental.

Começada a guerra civil espanhola, o Coronel Moscardó (esse era o seu nome) refugiou-se no Alcácer de Toledo com uma pequena tropa disposto a resistir aos ataques dos comunistas.

No primeiro dia do cerco, os inimigos prenderam um filho do Coronel, e deram um telefonema para ele. Disseram que haviam prendido seu filho e este iria lhe falar:

- Papai, eles me prenderam e vão me matar se o senhor não se render.

- Então, respondeu Moscardó, encomende sua alma a Deus, grite viva a Espanha e morra como um homem.

- Um beijo, papai!

- Um grande beijo, meu filho.

E desligou o telefone. Esse diálogo sublime, que está hoje em placas de bronze, em 18 línguas no Alcácer, hoje transformado em museu, garantiu a resistência do Alcácer e a vitória na guerra.

Magnífico exemplo de coragem, sem lugar para o sentimentalismo, mas com muito espaço para a Fé e a Razão.

Fé e Razão que faltam nos homens de hoje e que são a base para atos humanos virtuosos, e que estiveram sempre presentes nas vidas dos santos e principalmente na vida toda sobrenaturalizada de Nossa Senhora.

"REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS"

(Nossa Senhora em Fátima)



O IRMÃO BURRO

S. JOSÉ DE CUPERTINO

Se houve um homem pouco dotado em matéria de qualidades naturais, esse foi José de Cupertino. Ele se auto-intitulava "irmão burro" e era, com efeito, o que entre os animais representa o burro. Incapaz de passar em um exame, talvez mesmo de manter uma conversação; incapaz, ao mesmo tempo, de cuidar de uma casa, de pegar uma louça sem quebrá-la, apresentava-se igualmente inapto a ser um sábio, e a ser um bom provedor doméstico. Ele tinha o aspecto de um escravo mais ou menos inútil, de um animal de carga que pouco serviço presta. Entretanto conhecemos o seu nome! O que fez Ele para ficar na memória dos homens? A força de não procurar a estima dos homens, ele a reencontrou na sua mais alta expressão, a glória!

Enquanto muitos que correm atrás da glória encontram ou o esquecimento ou o vexame, ela assentou sobre a fronte de José e escreveu diante do seu nome essa pequena palavra: Santo!

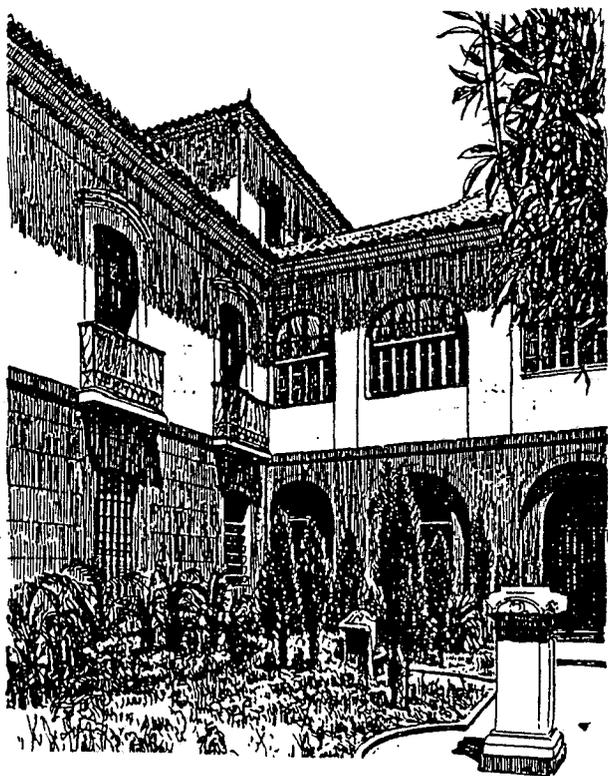
José nasceu em Cupertino em 17 de Junho de 1603. Filho de artesãos, era magro, doentio, desprezado de todo mundo, passou a infância entre a vida e a morte, até que um dia um eremita untou-o com óleo e o curou...

No momento de seu nascimento, haviam confiscado casa e mobiliário, por causa de dívidas de seu pai, e sua mãe teve de refugiar-se em um estábulo.

Mais tarde, depois de ter-se livrado de doenças horríveis, quis abraçar a vida religiosa e aí foi uma série de contratemplos e decepções. Começa um noviciado e não o conclui; volta para o mundo. Depois entra para o convento novamente. Dessa vez é na casa dos Franciscanos que se apresenta. Tinha dezessete anos. Dois tios seus pertenciam a essa Ordem e procuraram ajudá-lo. Em vão, porque não tinha feito nenhum estudo. Tudo o que pôde obter foi entrar para os capuchinhos, na qualidade de irmão converso.

A incapacidade natural e preocupação sobrenatural pareciam unir-se para torná-lo inapto a tudo. Seus esquecimentos, suas absorções sobrenaturais, faziam com que uma vida prodigiosa parecesse ridícula aos que o circundavam. Tomado em êxtase durante as ocupações do serviço de mesa deixava cair todos os pratos. Servia pão preto em lugar do pão branco; para transportar água demorava quase um mês. Por fim declararam que ele não era bom nem no trabalho material, nem no espiritual e o mandam embora.

Tiram-lhe o hábito religioso. Ele declarou, mais tarde, ter sentido nesse momento como se lhe arrancassem a pele. Para cúmulo da desgraça, havia perdido parte da sua roupa de leigo, chapéu e também sapatos.



No caminho para casa, cães o atacaram esfarrapando a sua roupa e alguns pastores o tomaram por ladrão e quiseram matá-lo. José chega a Vittrara, atira-se aos pés de seu tio, que o repele censurando-o pelas dívidas de seu pai, em Cupertino.

Enfim, depois de muitas tentativas, consegue ser admitido no convento de Grotella, como encarregado de cuidar de uma mula.

José mal sabia ler e escrever. E queria ser padre! Nunca conseguia explicar qualquer tópico do Evangelho, exceto um que o Bispo escolheu e ele explicou com maestria. Restava um último exame. Aqui a coisa também se passa de forma surpreendente. Todos os postulandos, exceto José, sabiam a sua matéria na ponta da língua. Os primeiros que fazem o exame, se saem tão bem, que o Bispo detêm-se antes de ter examinado todos e admite os restantes sem nenhum exame. Era 04 de Março de 1628 e José de Cupertino era então feito padre, malgrado os homens e as coisas, malgrado todas as suas inaptidões reconhecidas, mas esquecidas.

Ele volta ao convento de Grotella e passa dois anos em uma aridez interior tremenda, que parecia aumentar a cada dia que passava. Escreveu, mais tarde, a um amigo: "um dia, como eu chorava e gemia de angústia, um religioso bate à minha porta. Eu não respondo; ele entra. - Irmão José - diz ele - como está você? Vim aqui para ajudá-lo. Aqui tem uma túnica para você.

Realmente eu estava precisando de uma túnica nova. Vesti-a e todo meu desespero desapareceu no mesmo instante."

A partir desse momento, a vida de José de Cupertino, foi uma das mais maravilhosas que a história menciona. Para evitar as multidões que o procuravam, precisavam transportá-lo de um lugar a outro. Sua vida interior foi uma soma de êxtases e milagres, os mais variados e sublimes.

No convento, ele cuidou de animais; trabalhou à maneira de burro de carga. Ele mesmo se chamava de "irmão burro", não por uma falsa humildade, mas por causa da sua simplicidade, sua bonomia, seu hábito de executar trabalhos rudes, de carregar fardos, de obedecer, de jamais discutir, se seguir adiante.

Esse homem que não sabia nada, não compreendia nada, que não tinha instrução, nem habilidade para esconder sua ignorância, saiu-se vencedor de todos os interrogatórios e provas a que foi submetido.



Ao invés de perceber os homens pela sua feição natural, José os via, com frequência, em forma de um animal que representasse o estado de sua alma. Se encontrava alguém cuja consciência estava em mau estado, dizia: "tu cheiras mal, vai-te lavar." E após a confissão, se era boa, ele sentia um outro odor. Ele sentia fisicamente aquilo que só existe moralmente falando.

A contemplação estava tão impregnada em sua vida, que em meio a trabalhos arduos, não conseguia distrair-se dela. Com efeito, o "irmão burro" voava como se fosse um pássaro. Realmente São José passou uma parte de sua vida no ar, suspenso entre o céu e a terra.

São José de Cupertino pertence àquela família de santos que têm como característica a amizade e a familiaridade de todas as criaturas.

Um dia ele manda, a umas religiosas, um pássaro que lhes ensinasse a cantar. E todos os dias, aos ofícios da manhã e da tarde, eis que um pássaro aparece sobre a janela do coro, atencioso e animando o cântico das religiosas. Um dia, ele desapareceu. Vão reclamar a José. "O pássaro fez bem em sumir, respondeu o santo, por que o insultaram?" De fato, uma das religiosas lhe havia dirigido não sei que tipo de insulto. Entretanto, S. José promete o retorno do pássaro, que volta dessa vez para fazer a sua moradia no convento.



Outro dia, próximo ao bosque de Grotella, S. José encontra duas lebres: "Não vos afasteis de Grotella, porque muitos caçadores vos perseguirão." Ao cabo de algum tempo, uma delas é surpreendida e perseguida por cães. Mas encontrando a porta da Igreja aberta o bichinho atravessa a nave e se atira nos braços do santo. "Não tinha eu advertido?" Disse o Santo. Os caçadores aparecem reclamando a sua presa. "Essa lebre está sobre a proteção de Nossa Senhora, portanto não a tereis" respondeu ele. Após o que ele a benze e põe em liberdade.

Só o pronunciar o nome de Jesus e de Maria, José de Cupertino deixava o mundo e voava, literalmente. Com frequência, os seus êxtases começavam com um grito. Mas tal grito não incomodava, nem assustava ninguém, e esse detalhe foi importante no processo de sua canonização. A Igreja toma precauções enormes nessas questões.

Certa feita, D. Antonio passeava com José no jardim. "Irmão José, diz Antonio, como Deus fez um belo céu!" José solta um grito, voa e coloca-se de joelho sobre uma oliveira. Os galhos balançavam como se estivessem sob o peso de um beija-flor.

Se o êxtase o surpreendia durante a missa, S. José ao voltar a si, retornava o santo sacrifício no ponto preciso que havia deixado, sem se equivocar de uma cerimônia, de uma sílaba ou de um gesto. Um dia, na Igreja, suas mãos ficaram por cima das chamas de dois tocheiros durante uma levitação. Alguns espectadores ficaram nudos de temor, mas depois suas mãos não apresentaram qualquer sinal de queimadura. Outro dia, um operário, que construía uma cruz, deixa cair uma ferramenta na mão e quase corta o dedo. Frei Ludovico chama S. José que toca no dedo ferido, faz um pequeno curativo e diz: "Agora tu podes trabalhar."

Depois de terminada a cruz, S. José queria que a levantassem. Mas era tão pesada que ninguém conseguia plantá-la. S. José impaciente, tira o manto, voa num espaço de 15 metros, toma a cruz como se fosse palha e a coloca na escavação preparada.

Tal foi São José de Cupertino. Se não tivesse existido, ninguém o inventaria. Ele foi extraordinário entre os extraordinários.



"QUEM PROCURA BENS TERRENOS, NUNCA LEVARÁ UMA VIDA AGRADÁVEL A DEUS"
(São Filipe Néri)



MEDO DE QUE?

Desta forma é por causa desse temor que muitas moças se vestem contra a modéstia cristã. É também por esse mesmo temor que muitíssimos jovens se drogam. É, outrossim, por ele que muitas moças des-cambam moralmente. Em resumo, é um sem número de situações que forçam o homem a agir numa postura em que pelo respeito aos círculos em que vive, ele acaba por ofender a Deus e dEle se separar.

Neste ponto, gostaríamos de fazer uma pequena reflexão. O que importam os risos dos homens? O que valem as opiniões do mundo? Nada. Nada diante da verdadeira certeza que é a forma que Deus nos vê.

Que debochem os homens, que zombem e nos caçoem! Nada disso importa, desde que não ofendamos a Deus. O que é terrível é perder a graça Divina. O que é trágico é ofendê-lo. Nada é ridículo, quando se agrada a Deus. Nada é caro para mantermos a sua amizade.

Alguém poderia objetar que o nosso raciocínio é correto, mas que na prática, ele tantas vezes foi fraco e ce-deu às rizotas do mundo. Acha bonita a luta contra o mundo, mas nessa luta ele tantas vezes é fraco e sucumbe.

É verdade! Muitos que são aparentemente corajosos, não passam de covardes ante as investidas do mundo. Mas, há meios seguros para aqueles que querem ser fortes e destemidamente enfrentar o mundo: a oração e os Sacramentos. Sim, pela oração a Nossa Senhora, principalmente o Santo Rosário e pela digna recepção dos Sacramentos a alma fraca se fortalecerá e conseguirá não temer e vencer o mundo zombeteiro.

Tempos houve, e que tempos felizes eram! - em que o grande temor do homem era ofender a Deus. Assim, um jovem santo, como São Domingos Sávio, dizia preferir mil vezes a morte do que só uma cometer um pecado venial consentido. Ou então muito antes, São Luiz, Rei de França, recomendava, em seu leito de morte a seu filho e sucessor que a maior e primeira preocupação dele deveria ser evitar o pecado mortal.

Tempos bons eram esses em que o grande temor do ser humano era perder a amizade de Deus. Sim, se Deus é o Sumo Bem, é evidente que o maior dos males e portanto o que deve ser mais evitado é afastar-se de Deus, pelo pecado. Nem que para isso percamos amizades, dinheiro, fama, cargos, posições e se necessário fosse até a vida. Ou não é isso que os mártires de todas épocas fizeram? Entre ofender a Deus e perder a vida eles aceitaram a última hipótese pois sabiam que Deus é o Supremo e mais Precioso de todos os bens.

Infelizmente os tempos mudaram e desgraçadamente os valores humanos tiveram uma grande guinada.

Assim, os temores do homem moderno infelizmente são outros. E, entre os temores que dominam os nossos contemporâneos um se sobressai pelo mal que causa às almas: o medo de parecer ridículo.



"Se eu for para o inferno,
não estarei só."



Não há dúvida: se tiveres a desgraça de cair no inferno (que Deus tal não permita!), não ficarás sozinho. Terás a companhia de milhares e milhões de outras almas desventuradas que trilharam o caminho do vício, terás a companhia dos perseguidores da Igreja, dos herejes, dos apóstatas, terás a companhia de Lúcifer e de uma turba imensa de demônios. Mas, esta miserável sociedade diminuirá talvez o sofrimento, ou ao menos dar-te-á algum conforto? Como te enganas!

Na terra, quando somos golpeados pela infelicidade ou pela doença, é um alívio saber que outros são visitados pela mesma desgraça: o seu exemplo nos dá força para tolerar com paciência os nossos males, e dizemos: - "Coragem! há outros mais infelizes do que eu; a cruz é a companheira inseparável da nossa peregrinação".

Mas este alívio não o terão os condenados: uns serão de tormento aos outros, como os espinhos amontoados num grande feixe se ferem mutuamente, como os tições numa enorme fornalha se acendem e se queimam uns aos outros.

Diz S. Boaventura que os homens morreriam de medo se vissem a um condenado com toda a sua hediondez. O que não será, então, encontrarem-se juntos tantos réprobos que servirão de algozes uns aos outros!

Lá se encontrarão misturadas a impureza, a intemperança, a blasfêmia, a soberba, a injustiça e todos os pecados que são a corrupção das almas; a todas essas imundícies morais acrescenta-se o mau cheiro e os miasmas dos corpos que serão como cadáveres em decomposição. E se tiveres tido a desgraça de dar escândalo com o teu mau exemplo, ah! então essas almas te rodearão como fúrias para te atormentar, exprobrando-te por toda a eternidade a sua condenação, da qual tu foste a causa.

"Pai desnaturado, dirá o filho, tu me deste a vida, mas em vez de me educares na virtude, me ensinaste o vício e a irreligião: sê maldito para sempre. Por tua causa sofro nestas chamas. - Filho desgraçado, dirá o pai, para te enriquecer e legar muito, traí a justiça; o amor desordenado para contigo foi a causa de minha condenação. - Companheiro traidor, dirá o amigo, tu me roubaste a inocência, ensinando-me a malícia. Se te não tivesse conhecido, não estaria condenado."

E assim dizendo, se atirarão uns sobre os outros para se vingarem e desabafarem a raiva que os devora. E os demônios tomarão formas horríveis para os atormentar e não lhes darão um instante de trégua.

Eis aí para que servirá a companhia de muitos!



Se eu for para o inferno não estarei só! dizes. Então, tu crês no inferno, crês naquele fogo eterno, nos sofrimentos indizíveis, nos remorsos crueis, naquele "sempre" e naquele "nunca" terríveis, e queres ir para lá, só porque outros vão? Pode haver maior estultícia, demência mais extravagante?

Irias para a cadeia, só porque outros estão encarcerados? Queres adoecer, porque há muitos doentes? Quem fala desse modo, certamente não reflete no que diz. Condenar-se porque outros se condenam!

E então, porque não ir para o paraíso para gozar aquelas delícias inefáveis que nenhum homem jamais experimentou, para contemplar aquelas belezas que nenhum mortal jamais viu, para ouvir aquelas harmonias que nenhuma criatura jamais ouviu? Também no paraíso não estaremos sozinhos. Teremos a companhia de Deus e dos Anjos, de Maria SS. e dos Santos.

Se no inferno se sofrem todos os tormentos que a justiça de Deus irritada soube inventar, no paraíso gozam-se todas as delícias que a sua misericórdia pode encontrar, ou melhor, é o mesmo Deus que se manifesta aos eleitos para arrebatá-los num êxtase de louvor e admiração eterna. Mas, para ir para o céu, é preciso deixar o pecado, praticar a virtude e frequentar os santos sacramentos.



AJUDE

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, a mável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAU:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO - SÃO PAULO- SP

"QUEM COMEÇA A PRATICAR O BEM, MAS DESISTE ANTES DA MORTE, NÃO SE SALVARÁ"
(Santo Afonso Maria de Ligório)



Foram levados à presença de Galério Maximiano, (a quem Manoel Bernardes chama, escolhido vaso de satanás para perseguir o nome cristão) vinte e três cristãos trazidos de Nicomedia. Viviam escondidos numa gruta. E como ali costumavam cantar os salmos, foram então descobertos e presos. O ímpio Galério os atormentou de mil modos, mas os fiéis discípulos de Jesus Cristo mostraram-se sempre corajosos, fortes e mesmo alegres no meio de tantos tormentos.

Um jovem de 28 anos, ministro do tirano, admirado pela constância e fortaleza daqueles fiéis, admirado destes prodígios superiores às forças da natureza, perguntou-lhes com altivez:

- Em nome do vosso Deus, por quem tanto padeceis, conjuro-vos a me dizer a verdade no que vos quero perguntar. Que recompensa esperaís para que desprezeis vossas vidas e tudo o mais deste mundo? Ou sois loucos ou o que esperaís deve ser coisa grandíssima!

- Nem mesmo nós, responderam, podemos vos explicar a grandeza do que esperamos. Mas se quiserdes, lede as Escrituras Santas e lá encontrareis resposta à pergunta que nos fizestes. "Nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram"...

Ao ouvir estas palavras, Adriano como se tivesse dentro de si uma mina de pólvora, e aquelas palavras de São Paulo fossem faíscas que lhe caíram dentro, de um salto, no ardor de forte explosão, se pôs no meio dos mártires e voltando-se para os ministros lhes disse:

- Sou cristão como estes, creio o que eles crêem e espero o que eles esperam.

Ao ouvir isto, Maximiano, dominado pela cólera, disse a Adriano:

- Estás louco, Adriano? Também tu queres perder a vida em minhas mãos? Respondeu Adriano:

- Não perdi o juízo, mas o achei; e vou ganhar por certo a vida verdadeira e não perdê-la.

Maximiano acrescentou:

- Deixa estes despropósitos; pede-me perdão dizendo que tua resolução foi repentina e mal pensada.

Ao que respondeu Adriano:

- Pedir perdão? Sim, mas a Deus, de todos os meus pecados até agora cometidos.

Mandou, então, o tirano que, como os demais, fosse açoitado e metido na prisão, até que de novo fosse chamado à sua presença.

Um criado de Adriano, correu à sua casa e contou todo o ocorrido a Natália, sua esposa. Perguntou-lhe, então, Natália o que tinha feito ele para merecer semelhante castigo. Ao que respondeu o servo: "Vendo ele que muitos homens por amor de Jesus Cristo eram atormentados, pôs-se no meio deles e disse que também era cristão."

Natália, que era cristã ocultamente, e filha de mártires, no auge da alegria, vestiu-se ricamente e foi ao cárcere dar parabéns ao seu amado esposo. Beijava devotamente os seus grilhões e banhada em lágrimas confortava-o, animava-o, dizendo que ele tinha encontrado um tesouro que durante toda a vida não poderia encontrar outro igual; que iria receber magnífica recompensa que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem os corações desejaram coisa semelhante. Encorajou-o depois para que não tivesse medo nem das rodas, nem das feras, nem das varas ou chamas, nem de qualquer outro gênero de tormentos, dizendo: "Cristo, no qual acreditas, seja a tua fortaleza e será logo o teu prêmio."

Adriano agradeceu muito à sua esposa as confortantes palavras e lhe disse: "Quando me chamarem para o julgamento, eu te mandarei avisar, para que assistas o meu fim, que espero seja ditoso pelas tuas orações e destes santos meus companheiros."

Natália levantou-se em seguida, e passou pelos 23 mártires beijando-lhes os ferros e a corrente onde todos estavam presos. Animou ainda mais uma vez o seu dileto esposo a ter coragem e a ser digno do nome cristão. Despediu-se deixando Adriano muito confortado e sabendo amar agora com amor mais verdadeiro a sua generosa consorte.

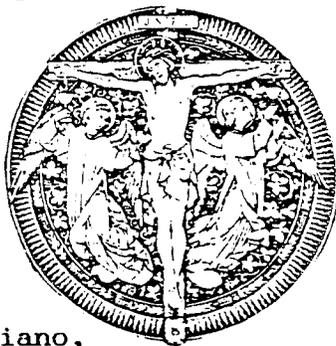
Sabendo Adriano que ele e seus companheiros seriam chamados ao tribunal de Maximiano, pediu para ir até à sua casa afim de trazer sua esposa para assistir ao seu fim, tinha-lhe prometido isto. Permitiram e partiu, então, Adriano para buscar Natália. Sucedeu que no caminho uma pessoa que o conhecia e o vira preso, correu na frente e foi avisar Natália que Adriano estava livre das prisões e voltava para casa.

Natália se envergonhava de tal esposo; Adriano se gloriava de tal consorte que tanto o injuriava por amor de Deus. E dizia consigo: "Deus me trouxe solto do cárcere para casa, para que me torne mais preso de casa para o cárcere." O seu amor a Natália cresceu, vendo a robustez de sua fé. "Menos te amaria, ó Natália, se me não aborrecesses tanto. Em teu peito mora o Espírito Santo que tudo fala por tua boca. Não creria por ti, se Deus em ti não falasse."

Assim ia pensando, sofrendo uma inocência. Por fim disse: "Abre, Natália querida, não fugi do martírio como tu julgas; vim só buscar-te para que nele me assistas, como te prometi."

Ela não quis acreditar, pensando ser um engano.

- Abre depressa, disse ele, porque não posso demorar-me mais e volto já para a prisão; não mais então me verás. Muito sentirás o não teres despedido de mim. Se demora muito os outros santos padecerão dobrado.



Suspeitando ela que Adriano, por medo dos tormentos, tinha renegado a sua fé, sentiu em seu coração mágoa nunca vista. E vendo que Adriano já se aproximava correu a dar-lhe com a porta no rosto. Do lado de dentro começou a dizer: "Aqui não entrará quem deixou a Deus; longe de mim quem mentiu a Jesus Cristo."

Adriano gostando de ouvi-la tão intrépida e sincera, calava-se. Natália atribuía o seu silêncio à verdade do seu crime, o ter renegado a Jesus Cristo. E continuou a reprová-lo sempre com termos fortes, claros e precisos, acompanhando tudo isto um copioso pranto.

Adriano do lado de fora sempre calado. Os ais que ouvia eram consolações para ele. As lágrimas a que não dera causa o ungiam para entrar na luta por Deus. As queixas de Natália eram grãos de incenso que caindo nas brasas do seu coração levantavam chamas de amor divino. Uma parede fina os separava.

Natália conheceu, então, a verdade e abrindo depressa a porta, ambos se prostaram em diante do outro; ela pedindo perdão, ele dando graças a Deus. Adriano lhe disse: "Verdadeiramente tu sabes amar o teu esposo e sem padecer tormentos entras no consórcio dos mártires."

Partiram ambos para o cárcere. Lá Natália beijou as chagas já bichadas daqueles mártires, chagas produzidas pelos ferros.

Cuidou amorosamente de todos eles com grande caridade.

Foram depois apresentados a Maximiano, todos amarrados em uma só corrente, sendo de peso uns aos outros, pois não podiam parar de pé por estarem sumamente fracos. Adriano ia atrás deles com as mãos amarradas. Foi designado a ser martirizado por primeiro. Os demais cristãos o animavam dizendo: "olha para o céu; conserva-te alegre e enche este tirano de confusão e vergonha."

Natália, por sua vez, dizia: "Coloca os teus olhos no céu; perdendo-te a ti, ganharás tudo. Daqui a pouco estarás em um só vôo, nas alturas."

Falou-lhe então o tirano:

- Teimas ainda na tua loucura? Queres sair mal desta vida? Não queres adorar os deuses que eu e os meus adoramos?

- Tu e os demais, respondeu Adriano, induzidos pelo diabo, eram adorando o que não tem alma e deixam de adorar o Senhor que criou as almas e fez o céu e a terra.

- Parecem-te pequenos os nossos deuses? disse Maximiano.

- Nem grandes, nem pequenos, respondeu Adriano, porque todos são um nada.

Neste ponto o tirano ordenou que o cobrissem de pancadas. Natália ouvindo os golpes, correu a avisar os outros mártires, e todos unidos rezavam por ele.

O tirano rindo gostosamente, dizia aos verdugos: dizei-lhe que veja bem como é que se fala mal dos deuses.

O tirano respondeu: "Como falarão a ti se são estátuas?"

E Adriano calmamente: "Como então vou adorá-los se não falam e não são mais que paus e pedras?"

Desesperado o tirano por não saber vencê-lo, mandou que todos fossem novamente encarcerados. Muitos não podiam nem sequer dar um passo e foram por isso carregados nas costas, pois estavam estraçalhados.

Natália confortava ao seu Adriano e pondo-lhe a mão no pescoço dizia: "bem-aventurado és, luz dos meus olhos, porque levas a cruz por quem a levou por ti; sendo participante de suas dores o serás também de sua glória."

No cárcere todos os mártires, com grande alegria a brilhar nos seus olhos davam parabéns a Adriano e este pediu-lhes que rezassem por ele, porque sentia-se sem forças no corpo.



Adriano olhando para ele respondeu: "Se eu sou assim atormentado pelo que disse dos deuses falsos, como não o serás tu que blasfemas o Deus vivo e verdadeiro?..."

Maximiano respondeu: "Isto que dizes ensinaram-te os outros embusteiros."

"Se são embusteiros, tornou Adriano, os que me guiam para a vida eterna, tu e os teus que encaminham as almas para o inferno, o que são?"

Maximiano enfurecido mandou então que quatro robustos algozes o espancassem com grandes paus. "Quanto mais tormentos, maior a coroa", acrescentou Adriano.

O tirano cada vez mais enfurecido mandou que lhe açoitassem no ventre; e vendo que as entranhas caíam, mandou parar e disse: "Se só com a voz invocares os deuses, te perdorei, chamarei médicos que te curem e virás, hoje mesmo, gozar no meu palácio". Adriano vendo a emboscada do demônio disse com astuta simplicidade: "Vejam os que me prometem esses deuses pela tua boca; então virei e lhes hei de sacrificar como tu queres."

As mulheres piedosas acorriam ao cárcere e cuidavam dos gloriosos mártires, exercendo a caridade cristã. Sabendo disso, o tirano proibiu que qualquer mulher fosse ao cárcere cuidar dos presos. Natália então cortou os cabelos e vestiu-se de homem, continuando a trabalhar sozinha por todas as demais que não podiam vir. Depois que cuidou de todos prostrou-se ao pé de Adriano e lhe disse banhada em lágrimas: "Tenho um grande favor para te pedir; bem vês como te ajudo no teu martírio. Quisera que assim como vivemos juntos neste miserável mundo, nos uníssemos também na casa de Deus. Assim que lá chegares pede ao Senhor que me mande chamar. Ficando viúva, temo que muitos me queiram como esposa; e não quero que seja maculado o tálamo de Adriano, mártir de Cristo. Tu podes defendê-lo bem, quando ausente estiveres no céu."

Adriano fitando-a e depois olhando o céu, prometeu fazer o que ela lhe pedia. Viram logo depois outras mulheres disfarçadas em homens à imitação de Natália, e serviam aos mártires. Sabendo disto o tirano mandou que fossem mortos todos com um gênero de morte diferente e cruel.

Mandou levar ao cárcere uma bigorna e com um grande martelo lhes fossem esmagadas as pernas e os braços. Vieram os verdugos e puseram as pernas de Adriano sobre a bigorna e Natália com ânimo mais que varonil, pegando-lhe no pé, fingiu no seu coração que o colocava dentro das portas do céu. O algoz descarregando o golpe lhe esmagou as pernas. depois com o auxílio de Natália colocou a mão sobre a bigorna. Depois de esmagada esta, expirou. Natália caindo de joelhos, disse: "Deo gratias." E tirou a mão de Adriano recolhendo-a.



Todos os outros mártires acabaram alegres, todos no mesmo martírio, estendendo eles mesmos os membros antes que os algozes os pegassem.

Maximiano mandou queimar os corpos. Foram, pois, todos lançados numa fôrnalha acesa. As mulheres piedosas vendo esta cena choravam e diziam: "Lembrai-vos de nós, ó mártires, no Paraíso."

Natália ardia com eles, por um fogo que tinha dentro, o fogo do Divino Espírito Santo. Queria atirar-se dentro, mas no momento tremeu a terra, o céu cobriu-se de negras nuvens, vieram relâmpagos e trovões ameaçadores seguidos de grossa chuva. Fugiram todos, morrendo alguns pelo medo, outros pelas quedas. Os cristãos ali permaneceram e puderam assim tirar os corpos ainda ilesos. Colocaram todos numa nau, e foram enviados para Constantinopla. O corpo de Adriano foi junto com os demais. Natália, porém, conservou consigo a mão que tirara.

Poucos dias após, por meio de nobres senhores o tribuno da côrte pedia a mão de Natália. Ela sabiamente respondeu o recado com muita prudência: "Muito me alegre com a nova. como podia eu esperar tal ventura? Apenas peço três dias para preparar-me, pois, não pensava que alguém me procurasse tão cedo." Assim falava para ter tempo de fugir para onde tinham ido os corpos dos mártires.

Pediu a Deus que a protegesse e não consentisse que a mulher de um mártir, fosse agora de um pagão. Assim rezava ajoelhada diante da mão de Adriano. Depois adormeceu e sonhou. Apareceu-lhe um daqueles 23 mártires, dizendo que ele e os demais não se esqueceram do quanto fizera por eles. Que tinham por isso pedido a Deus que a chamasse para o céu. Natália em sonho lhe perguntou: "Está lá convosco Adriano?" - Sim, respondeu, chegou antes de nós. Embarca-te e vem para onde estão nossos corpos; aí te levará Deus para a Jerusalém celeste.

Acordando, sem demora, sem despedir-se de ninguém, embarcou levando consigo a mão de Adriano.

Sabendo o tribuno do ocorrido, perseguiu-a velozmente. Deus, porém, mandou um vento contrário e assim nunca pôde ele alcançá-la.

Chegando a Constantinopla, visitou os sagrados corpos e colocou a mão de Adriano no seu lugar. Rezando devotamente foi descansar. Apareceu-lhe, então, Adriano muito alegre e resplandescente coroadado com um diadema de inigualável beleza e disse: - Bem-vinda, ó serva de Cristo e filha de mártires. Vem para o teu descanso. Vem recebe o prêmio que mereces. Acordando contou aos fiéis que com ela estavam e despedindo-se deles dormiu e expirou suavemente. Os cristãos colocaram o seu corpo entre os dos mártires, cantando salmos e hinos a Deus, que é maravilhoso nos seus santos.



Era uma vez um jovem e valente cavaleiro, de barbas douradas como o trigo maduro banhado pelo sol. Entusiasmado pelo ideal, ele havia partido para as Cruzadas, edificando os cristãos pela sua piedade, e aterrorizando os turcos pelo seu valor. Sua fé e sua coragem lhe haviam merecido estar na primeira fila em todos os combates. Espada na mão, foi o primeiro a atravessar as muralhas de Antioquia. Espada na mão, foi o primeiro a romper o cerco que os turcos fizeram. No dia 14 de julho de 1099, de espada na mão, foi o primeiro a entrar na cidade de Jerusalem, ao lado do comandante Godofredo de Buillon. E abrindo um claro entre a turba muçulmana que lutava e que fugia, foi o primeiro a se ajoelhar nas lages do Santo Sepulcro, beijando sua espada ensanguentada, e dando graças a Deus.

Era um valente, e Deus o quiz provar, permitindo-lhe uma cruz na proporção do seu valor. Quando atravessava vitorioso as ruas de Jerusalem, seus olhos vislumbraram os movimentos de um muçulmano covarde que, do alto de uma torre, lançava um bloco de pedra contra Godofredo de Buillon. Para salvar o seu chefe, o cavaleiro o empurrou, e o pesado bloco o atingiu na cabeça. Quando o acudiram e retiraram o seu elmo todo amassado, viram horrorizados aquele enorme talho, de onde o sangue brotava como de uma fonte. O maior dos combates do jovem cruzado estava para começar.

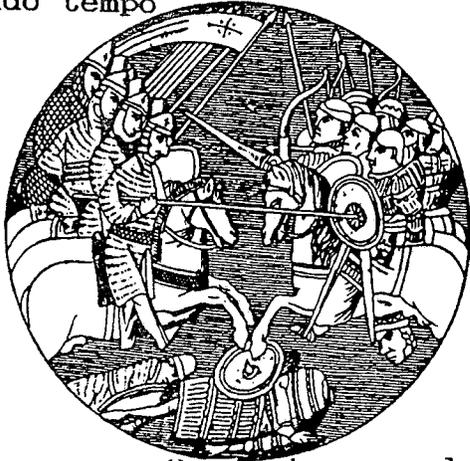
Seus amigos solícitos o levaram de volta à Europa, e seu jovem corpo se recuperou, mas um pouco de seu espírito havia ficado para sempre entre os muros de

Jerusalem. O filho que a mãe chorosa abraçou na volta era quase que apenas um envólucro daquele que a havia beijado ao partir. Os olhos ainda sorriam quando ela o penteava, ou quando mostrava seus brinquedos de criança, ou quando apontava a pequena Virgem de marfim que sempre estivera à sua cabeceira. Mas... que tristeza! Suas mãos não tinham mais coordenação. Andava cambaleando, como um velho embriagado. E mal balbuciava as palavras, num enorme esforço de mãos crispadas e lábios torcidos, uma caricatura grotesca que fazia rir os insensatos de um riso maldoso, que atravessava o coração de sua mãe.

Que seria de seu filho quando ela morresse? Sem parentes, sem esposa e sem filhos, quem dele cuidaria? Sentido a passagem dos anos, a senhora procurou o superior de uma Ordem beneditina que ocupava um pequeno e desconjuntado convento próximo. E foi clara e franca no que disse: deixaria em herança para a Ordem, o seu castelo, o seu feudo, todos os seus rendimentos e toda a sua fortuna. Só lhes pedia a condição de que cuidassem bem de seu filho, até o dia em que Deus o quisesse levar.

Os olhos do superior brilharam. A nobre senhora não se preocupasse, que seu filho seria bem cuidado. Ele até o admitiria na Ordem, como irmão leigo. E com o tempo, e com a paciência dos monges, que carinhosamente o assistiriam, ele poderia até mesmo aprender a rezar as Horas, e lhes fazer companhia no Coro.

E assim foi. A senhora faleceu, e os monges se transferiram para o castelo, passando a ocupar seus quartos, suas salas, seus salões. Ao cruzado, agora irmão leigo, foi permitido que ocupasse seu antigo quarto de menino, conservando alguns dos móveis, e a Virgem de marfim. Ajoelhado diante da virgem, o cruzado rezava, repetindo sempre as duas únicas palavras que conseguia reter em sua memória: "Ave Maria". O resto da oração, tudo o mais, lhe escapava. Bem que os monges, a princípio, lhe tentaram ensinar outras orações. Mas era um trabalho inútil. Por fim o superior mandou que desistissem, pois o novo convento, com seus campos e suas vinhas, precisava de muita gente para ser administrado com eficiência, e não se podia ficar perdendo tempo



O antigo cavaleiro foi deixado de lado. Estabeleceram que se alimentasse na cozinha e não no refeitório, para que sua vista não chocasse os visitantes. Pelo mesmo motivo ele não deveria frequentar a capela, mas assistiria a missa por uma janela estreita que dava para o jardim. Seu trabalho seria o de carregar a lenha. O resto do tempo poderia ocupar da forma que entendesse, desde que não atrapalhasse ninguém. Mas ele não atrapalhava. Desligado das coisas e dos homens, passava seu tempo ora de joelhos no quarto diante da Virgenzinha de marfim, ora caminhando pelos campos e vinhedos, com o rosário entre os dedos, rezando sempre "Ave Maria... Ave Maria... Ave Maria..."

Os noviços, debicando, o apelidaram de "Frei Ave Maria", e logo o apelido pegou. Riam-se quando ele passava. Pelas costas, atiravam-lhe pedrinhas. Reservavam-lhe os restos da mesa, que ninguém mais queria. Mudaram seu quarto para uma alcova ao lado do depósito de lenha, onde só cabiam uma enxerga, e a Virgem de marfim. Mas ele não parecia se incomodar. Sorria sempre, e continuava rezando: "Ave Maria, Ave Maria". Tanta paciência acabou por incomodar. Alguns frades foram reclamar ao superior que aquele murmúrio contínuo que fazia o frei Ave Maria não os deixava se concentrar nem em suas orações, nem nas contas da administração. Em vista disso, o superior lhe proibiu o acesso ao interior do castelo. Lá fora haveria espaço suficiente para ele rezar.

E assim envelheceu aquele frei. Em um dia de inverno um noviço auxiliar da cozinha o foi encontrar em seu quarto, ajoelhado diante da Virgem de marfim, com o terço entre os dedos gelados. Estava morto. Foi com alívio que os monges, depois de uma rápida cerimônia, o sepultaram. O noviço que o encontrara se lembrou de prender à cruz da sepultura a pequena Virgem de marfim. Depois, foram todos cuidar dos seus negócios, e a neve cobriu tudo.

Quando veio a primavera, a neve derreteu, e o mesmo noviço reparou que uma plantinha nascia na terra do túmulo, e se enroscava na Cruz. Depois de um mês, a trepadeira cobria todo o lenho, circundando a imagem de marfim. Pequenos botões pareciam surgir, se multiplicar, pulular...

E no mês de maio os botões se abriram em flor. E os monges, assustados com a gritaria que fazia o noviço, vieram todos contemplar as flores, que rodeavam a pequena Virgem de marfim. Eram lírios, mas lírios dourados como o trigo maduro banhado pelo sol, e em cada uma de suas pétalas se podia ler, em letras de sangue: Ave Maria... Ave Maria... Ave Maria...

